

- LXIV -

AS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO GESTOR EDUCACIONAL

Maria Cristina Rodrigues – UNIFESP
crisal110@hotmail.com

Kleber William Alves da Silva – USP
kleberwil@usp.br

O trabalho apresentado tem como mote de discussão pensar a experiência dos profissionais da gestão escolar, buscando questionar o sentido do pensamento moderno da educação e como relacionar a teoria e prática em uma gestão educacional preocupada em constituir-se dialógica com sentidos e experiências.

Ao iniciar sua gestão como Secretário de Educação da Cidade de São Paulo, Freire (2001) escreve uma carta aos professores, falando da responsabilidade ética, política e profissional dos educadores e da necessidade de não pensar os saberes hierarquizados, mas de aprender, desaprender, reaprender, significar e ler o mundo de outras formas. Quando pensamos em educadores muitas vezes restringimos o olhar para a relação professores e alunos na sala de aula, porém no processo de organização a escola conta com diversos outros profissionais que estão no espaço educacional para dar aporte aos processos de aprendizagem e nesse trabalho nos referimos especificamente a equipe gestora, geralmente composta por uma tríade – Diretor, Assistente de Diretor e Coordenador Pedagógico – que antes de ocuparem esses cargos foram professores. Desse grupo vêm os questionamentos e discussões presentes nesse trabalho, que se propõe a pensar quais as experiências formativas que esses indivíduos carregam em suas identidades e desenvolvimento profissionais e como essas afetam a organização do seu trabalho que é de organizar e gestar um espaço mais amplo que a sala de aula?

Acreditamos que a práxis deve ser algo constituinte da ação desses sujeitos, pois a experiência se traduz em ação somente se ela traz em seu bojo o vivido, o sentido e o experimentado, numa perspectiva de qualificar o conhecimento, exercitando a leitura, as

individualidades, mas também as pluralidades, de pensar e organizar fazeres que não são pessoais, mas coletivos e de interesse público.

Quando, afirmamos que “ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria” Bondía (2002, p. 27), retomamos a experiência como algo único, que cada sujeito constrói mediante suas vivências. Pensando que o gestor educacional é um profissional experiente, há uma expectativa, nem sempre atendida, que esse sujeito traga soluções para um coletivo e muitas vezes esse anseio não é atendido, pois mesmo em cargos de gestão, assim como pessoas com muitos anos de trabalho na sala de aula a experiência não se repete, ela se constrói e se vive, o que não significa dizer que mesmo com um longo tempo em um determinado cargo a pessoa possa ter muita experiência, mas pode vivenciar os fatos sem senti-los, sem atribuir significado e assim são anos que se repetem, mas não que se transformam em experiências.

A carreira é também um processo de socialização, isto é, um processo de marcação e de incorporação dos indivíduos às práticas e rotinas institucionalizadas das equipes de trabalho. Ora, essas equipes de trabalho exigem que os indivíduos se adaptem a essas práticas e rotinas, e não o inverso. Do ponto de vista profissional e da carreira, saber como viver numa escola é tão importante quanto saber ensinar na sala de aula. (TARDIF e RAYMOND, 2000, p.217)

Essa construção vai se dando em um contexto de carreira e deve ser acompanhada de um processo contínuo de formação, que ocorre desde a constituição do educador para atendimento aos alunos até o momento que ele passa a gestar não a sala de aula, mas a escola inteira. Ocupar outro espaço não faz necessariamente com que ele abra mão do processo de formação, mas amplie o olhar para pensar coletividades locais, territoriais, mais dilatas que ajudem a outros na construção de seus perfis profissionais.

Numa perspectiva mais ampla de olhar o que é gestão e qual o fio que conduz o fazer desses profissionais, baseado no princípio da gestão democrática do ensino público (BRASIL, 1996). De fato, a Gestão Democrática não é circunscrita somente à escola, mas como ela ocorre dentro dos espaços escolares, quais suas existências e resistências dentro desses lugares e como a gestão escolar em sua ação executa a sua implementação, é esse fio de condução que talvez seja um dos maiores desafios no processo formativo do gestor.

A gestão democrática é dialógica, prevê tensionamentos, é campo de disputa da fala, dos discursos, dos micropoderes e, ao gestor, cabe buscar o estabelecimento de ações que fortaleçam essa causa, usando o diálogo como uma experiência de interação, de forma de

escuta e acolhimento aos diversos segmentos da Unidade Educacional. Essa interação verbal que posiciona e constitui na relação do somos, com as concepções que defendemos, numa construção do eu e do nós. (BAKHTIN, 2012)

Nesse sentido toda palavra que é dita ao outro é uma ponte, quando FREIRE (2010), fala desse diálogo como acontecimento, num movimento constante e necessário na escola, sendo o diálogo uma experiência, uma marca de humanização, que se concretiza ao atender uma família e escutar o motivo das faltas constante da criança, ao encaminhar relatórios dos estudantes para o posto de saúde pedindo uma parceria desse órgão da rede protetiva, ao questionar uma forma de avaliação do professor a gestão usa a dialogicidade como experiência, um movimento que não é restrito a um pequeno grupo, mas que se consolida em uma comunidade e ultrapassa os limites da individualidade. É premente construir uma coletividade responsável por todos onde a preocupação com a aprendizagem é o eixo principal da ação da escola, mas perpassa por toda a humanidade da comunidade escolar, combatendo assim relações assimétricas, alienadoras e propondo ações conscientes e capazes de transformação, assim é necessário que o gestor estudioso, preocupado com o território que ocupa, com a experiência formativa que vive e faz viver.

É necessário pensar a educação a partir do prisma da experiência e do sentido, pois ao pensar, raciocinar e argumentar vamos dando sentido as coisas e ao mesmo tempo as transformando. O silenciamento é algo que não nos cabe como educadores, mas quando estamos gerindo espaços educacionais essa responsabilidade se amplia, pois é esperado um posicionamento maior que fatos ou relatos, mas que seja provocador, que esteja organizado para fazer acontecer com um tempo outro que não seja o do aligeiramento das experiências, mas que tenha possibilidade de fazer sentir, experimentar e se permitir a reaprender, a conviver e a ser consigo mesmo e com o outro, não em um movimento ingênuo do tempo, pois sabemos a urgência de garantir aos estudantes os seus direitos, mas que as experiências formativas dos educadores não sejam fragmentadas somente para garantir informação, mas que sejam capazes de nos afetar e nos ensinar. As vivências em forma de choque não são capazes de produzir essas transformações, pois são passageiras e efêmeras, necessitamos de uma educação do sentir e dos sentidos.

A sensibilidade do indivíduo constitui, assim, o ponto de partida (e talvez, até o de chegada) para nossas ações educacionais com vistas à construção de uma sociedade mais justa e fraterna, que coloque a instrumentalidade da ciência e da tecnologia como meio e não um fim em si mesma (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 146).

Gestar espaços educacionais requer usar todas as experiências formativas para compreender a escola como esse lugar sensível e de sensibilidades, que se propõe cotidianamente a algo muito complexo que é a formação humana para a transformação de si mesmo e do mundo. Que sejamos capazes de com todas as experiências vividas fazer diferença na vida de muitos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan.-Abr. 2002 n. 19. p. 20-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em 20 ago. 2017

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 233 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253464/1/DuarteJunior_JoaoFrancisco_D.pdf>. Acesso em 20 ago. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores – Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra. **Estudos Avançados**, 15, 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>. Acesso em 10 fev. 2019.

TARDIF, Maurice. RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 238 73, Dezembro/00. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf>>. Acesso em 09 fev. 2019